

Fausto Viana, Maria Celina Gil,
Graziela Baena e Luiza Marcato (orgs.)

Dos bastidores eu vejo o mundo: cenografia, figurino, maquiagem e mais


Volume XIII

Edição Especial A visualidade das divas

ISBN 978-85-7205-330-3
DOI 10.11606/9788572053303

São Paulo
ECA - USP
2026


ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO


NÚCLEO DE PESQUISA
TRAJE DE CENA
INDUMENTÁRIA E TECNOLOGIA

Organização: Fausto Viana, Maria Celina Gil, Graziela Baena e Luiza Marcato
Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges e Luiza Marcato
Capa: Luiza Marcato
Revisão: Maria Celina Gil
Foto da capa: Linn da Quebrada no baile da Vogue, 2022.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

D722 Dos bastidores eu vejo o mundo [recurso eletrônico] : cenografia, figurino, maquiagem e mais : vol. XIII : edição especial : a visualidade das divas / organização Fausto Viana ... [et al.]. – São Paulo : ECA-USP, 2026.
PDF (382 p.) : il. color.

ISBN 978-85-7205-330-3
DOI 10.11606/9788572053303

1. Traje de cena. 2. Divas. 3. Artes cênicas. 4. Teatro. 5. Moda. I. Viana, Fausto.

CDD 23. ed. – 792.026


Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194

Autorizamos a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no Dos bastidores eu vejo o mundo: cenografia, figurino, maquiagem e mais – Volume XIII – Edição Especial A visualidade das divas. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com Fausto Viana que teremos prazer em dar o devido crédito.

 https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt_BR
Todas as imagens das divisões deste trabalho são do British Museum e liberadas pela licença Creative Commons BY-NC-SA-4.0. Todas as imagens foram ajustadas para encaixarem no tamanho da página.

Reitor: Prof. Dr. Aluísio Augusto Cotrim Segurado

Vice-reitora: Profa. Dra. Liedi Légi Bariani Bernucci

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Maria Clotilde Perez Rodrigues

Vice-diretor: Prof. Dr. Mário Rodrigues Videira Junior

Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443

Cidade Universitária CEP-05508-020

Capítulo 1

O QUE FAZ DE ALGUÉM UMA DIVA, PARTE 1: A DIVA CLÁSSICA

What turns someone into a Diva, Part 1: The Classic Diva

Viana, Fausto; Livre-docente; Universidade de São Paulo;
faustoviana@uol.com.br

1. Introdução

*Casta Diva, che inargenti / Queste sacre
antiche piante / Al noi volgi il bel
sembiante / Senza nube e senza vel.*

Casta Deusa, que banhas de prata / estas
antigas árvores sagradas, /volve a nós
teu belo semblante, / sem nuvens, sem
véus. (Trecho da canção Casta Diva, da
ópera Norma, de Vincenzo Bellini)

Este texto dialoga com dois textos desta edição – O que faz de alguém uma diva, partes 2 e 3. Coube a mim a tarefa de clarificar o conceito clássico – portanto, original – do que foi / é ser uma diva. As partes 2 e 3 mostram como o termo se renova e como na atualidade o termo diva é tratado. Naturalmente, aproximações entre os textos acontecerão.

O leitor atento perceberá que a epígrafe do meu texto – em italiano, seguida de uma tradução poética e não literal do texto – já lança as bases para explicitar a trajetória do termo diva, advindo diretamente de uma das expressões artísticas mais tradicionais: a ópera.

Fosse uma obra independente, seria um breve *opusculum*, palavra de origem latina, de 1654, que significa um trabalho breve de literatura, um opúsculo. Inserido em uma coletânea de textos, torna-se um *tour de force* para justificar as paixões e excessos que motivam os admiradores das divas,

de todas as gerações. De minha parte, estruturei o texto da seguinte maneira:

- O surgimento da ópera
- O conceito de diva e as primeiras divas
- Os atributos da diva

Esta breve Introdução prepara o caminho para o entendimento do termo diva, esclarecendo de maneira histórica como o termo surge – e se renovará posteriormente.

2. O surgimento da Ópera

O Victoria and Albert Museum (V&A), em Londres, no Reino Unido, diz que a primeira ópera reconhecível como tal, “com a história contada através da música e da canção”¹, foi Orfeu, de Monteverdi, que foi encenada pela primeira vez em Mântua, na Itália, em 1607. Considerando-se que algumas formas de arte cênica na China, Índia e Japão datam de cinco séculos antes de Cristo, e que o teatro grego data de cerca de 500 antes de Cristo, podemos dizer que é uma arte recente: cerca de 400 anos.

“A ópera se desenvolveu na Europa Ocidental no início do século 17 como um meio de reunir todas as artes, incluindo pintura, poesia, drama, dança e música”, diz o V&A para elucidar as primeiras origens da ópera, complementando que:

Desfrutada inicialmente nos palácios reais italianos e franceses no século 17, a ópera emergiu de produções espetaculares e caras destinadas a impressionar dignitários visitantes e apresentar uma imagem positiva de um governante e sua corte. Eles incluíam vastas procissões, danças, episódios cantados, trajes suntuosos e interlúdios encenados, acompanhados por treinadores, carruagens e elaborados efeitos de palco. As histórias ou temas foram retirados da mitologia clássica, muitas vezes traçando paralelos entre os governantes atuais e deuses ou heróis mitológicos².

¹Disponível em <https://www.vam.ac.uk/articles/opera-an-introduction>. Acesso em 29 out. 2025.

² Idem.

Figura 1 - Gravura de um balé da corte em Vlaislav Hall, Castelo de Praga, Mat'a, 1617, República Tcheca.



Fonte: Museu nº S.87-1 a 7-2010. Victoria and Albert Museum, Londres.

A Figura 1 traz um pouco da dimensão monumental imposta à ópera desde o seu início, com a construção de cenários amplos e trajes bastante exagerados. Como esta é uma publicação essencialmente sobre trajes de cena, vale lembrar que o critério de criação empregado nestes trajes passa muito longe dos princípios de construção das roupas cênicas que vão ser estabelecidos no final do século 19, quando preocupações com a verossimilhança e a adequação do traje à personagem passam a ser determinantes, encerrando assim uma fase em que prevalecia a criação estética que se justificava puramente por sua beleza ou pela necessidade de exibir a grandeza financeira daqueles que patrocinavam os espetáculos, que no caso da Figura 1 é um balé de corte.

O século 18 trouxe enorme expansão da ópera pela Europa, com a construção de teatros voltados para óperas nas grandes capitais europeias. Em aparente prenúncio do que seria uma diva, diz o V&A que

As óperas foram compostas para cantores individuais, que foram as grandes estrelas da performance. O trabalho do compositor era escrever música, muitas vezes dentro de um curto espaço de tempo, para exibir a voz da estrela. Cantores famosos tinham considerável liberdade para improvisar. Certas passagens da ornamentação musical foram deixadas ao próprio gosto do cantor e mudavam de noite para noite³.

Duas formas de ópera se desenvolveram: “*opera seria*” (ópera séria, com personagens nobres ou mitológicos e enredos sobre intrigas políticas e história, sendo Georg Friedrich Händel, 1685–1759, um bom exemplo) e “*opera buffa*” (ópera cômica, que encenou personagens comuns e temas mais leves. Wolfgang Amadeus Mozart, 1756–1791, é autor de várias, entre elas As bodas de Fígaro).

O século 19 trouxe o nacionalismo e a ascensão do compositor. Segundo o V&A, o compositor ganhou mais

³Disponível em <https://www.vam.ac.uk/articles/opera-an-introduction>. Acesso em 29 out. 2025.

importância do que nunca.

Esta foi a era de Richard Wagner e Giuseppe Verdi, que não eram apenas compositores, mas heróis nacionais. O nacionalismo se tornou uma força motriz para muitos países europeus e a ópera agora era vista como um meio de expressar identidade, com Wagner na Alemanha, Verdi na Itália, Mussórgsky na Rússia e, mais tarde, Janáček na Tchecoslováquia. Com esse aumento do nacionalismo, diferentes estilos operísticos se desenvolveram. Na Rússia e na Europa oriental, os compositores inspiraram-se na história e na literatura. Na França, a “Grand Opéra” floresceu, com grandes efeitos cênicos, ação e balé. A “Opéra Comique”, um gênero de ópera que continha diálogos falados e árias cantadas, também era muito popular. Um exemplo bem conhecido é Carmen de Bizet⁴.

Seguindo a linha do tempo do V&A, o século 20 “viu uma abordagem mais individualista”. E prossegue:

Na Itália, Puccini recriou o romantismo do século 19 com óperas populares como Tosca (1900), Madame Butterfly (1904) e Turandot (1926). Na França, Debussy explorou a melodia poética e evocativa, compondo Pelleas e Melisande (1902), enquanto na Alemanha, Strauss foi dissonante e intencionalmente chocante em sua abordagem, com temas extremos como Salomé, com sua erótica “Dança dos Sete Véus”, em 1905⁵.

Muitos bons trabalhos e autores se desenvolveram no século 20 e assim tem continuado no século 21. Ao chegar aos seus 400 anos, o gênero se mantém vivo, tanto através das encenações tradicionais – e que uso dos trajes e espaços cênicos – como das encenações provocadoras de diretores / encenadores como Romeo Castellucci (Cesena, Itália, 1960) (Figura 2) e Stefano Poda (Trento, Itália, 1973) (Figura 3).

⁴ Idem.

⁵ Idem.

Figura 2- Salomé, de Strauss, dirigido e projetado por Castellucci para o Festival de Salzburgo, em 2018.



Foto do Festival.

Figura 3- Os vestidos esculturais de Poda para Tosca do Teatro Bolshoi na Rússia, em 2021.



Foto: Pavel Rychkov.

Na sua crítica publicada no site da BBC sobre a exposição do V&A Opera: passion, power and politics (acontecida entre setembro e dezembro de 2017), William Cook reforça que a ópera talvez ainda tenha vida muito longa. “Esta exposição refuta o mito de que a ópera é uma forma de arte conservadora. Na verdade, ela tem estado na vanguarda da cultura europeia há séculos”, ele disse.

3. O conceito de diva e as primeiras divas

Kate Bailey, que foi a curadora da citada exposição Opera no V&A, também foi a curadora de DIVA, que aconteceu entre junho de 2023 e abril de 2024. “DIVA celebrou o poder e a criatividade de artistas icônicos, explorando e redefinindo o papel de ‘Diva’ e como este foi subvertido ou abraçado ao longo do tempo na ópera, no teatro, na música popular e no cinema”, citou o V&A.

Como sempre, o completo site da instituição extroverte e mantém informações sobre exposições passadas e sua documentação: acesse www.vam.ac.uk/exhibitions/diva. Em vídeo, Bailey diz que:

Fiquei encantada ao descobrir a força, o poder e a atitude dessas Divas, dessas pioneiras que causaram mudanças! (...) A diva, desde as estrelas da ópera vitoriana, tem tudo a ver com imagem, e voz, e identidade, e como você se apresenta⁶.

Mas foi muito antes da exposição DIVA que o conceito surgiu. “No século 16, à medida que a artista feminina emergia das companhias teatrais exclusivamente masculinas, surgia também a diva”, diz o museu inglês nos arquivos sobre a exposição, acrescentando o significado da palavra:

Palavra italiana, comumente usada desde o século XIV para descrever deusas ou divindades, “Diva” tornou-se uma descrição adequada para artistas femininas excepcionais cujos talentos divinos as faziam parecer de outro mundo⁷.

Isabella Andreini (1562–1604) (Figura 4) é descrita como sendo uma espécie de Diva “ancestral”:

Foi uma atriz e musicista italiana cuja extraordinária versatilidade e talento ajudaram a definir o conceito de diva. Descrita como um gênio multifacetado, Andreini transcendeu suas origens humildes, era apaixonada por educação e cativava o público com sua eloquência divina. Seu lema,

⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ObXreLlB9tA>. Acesso em 29 out. 2025.

⁷ Disponível em <https://www.vam.ac.uk/articles/redefining-the-diva?srs1tid=AfmBOoqj9Ar3cgdDob1UcKFcks7ge1zNkP-LyMVZrOa5eyXjr-Q3waprb>. Acesso em 29 out. 2025.

“*Elevat Ardor*” (A chama se eleva), reflete seu senso de poder criativo. Suas performances pareciam criar uma experiência visceral que combinava intimidade e autenticidade com uma persona sobre-humana, atraindo um culto de admiradores⁸.

Figura 4 – Provável retrato de Isabella Andreini (1562-1604), por Paolo Veronese, c. 1585



Fonte: Museu Thyssen-Bornemisza, Madri

No século XVIII, com a popularização dos teatros de ópera e, como visto, a temática da mitologia clássica presente com seus deuses e deusas,

“Diva” era um epíteto aplicado cada vez mais à heroína divina, a prima donna. Com o crescimento da popularidade da ópera durante os séculos XVII e XVIII, a diva desenvolveu um status de culto⁹.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

Um exemplo destas divas do século 19 é Giulia Grisi (1811–1869) (Figura 5), que cantaria justamente uma das mais conhecidas obras do século 19 e que é parte da epígrafe deste texto: Norma, de Bellini.

Figura 5 – Retrato de Giulia Grisi como Norma na primeira cena da ópera Norma. Litografia colorida, de Richard Lane e Alfred Chalon, publicada por J. Mitchell, 1831, Inglaterra.



Fonte: Victoria and Albert Museum.

Norma é uma sacerdotisa que evoca Diana, deusa romana dos bosques e da caça. Casta Diva, a ária, foi construída em torno da voz da prima donna, “em uma dramática cerimônia pagã, na qual a lua sagrada e a diva são imortalizadas ao serem apresentadas para adoração”¹⁰. Era de se esperar que

¹⁰ Disponível em <https://www.vam.ac.uk/articles/redefining-the-diva?srs1tid=AfmBOoqj9Ar3cgDob1UcKFcs7ge1zNkP-LyMVZrOa5eyXjr-Q3waprb>. Acesso em 29 out. 2025.

os homens fossem seduzidos pela bela figura, mas nem tanto como o fez o crítico e escritor francês Théophile Gautier depois da primeira apresentação de Norma em Paris, em 1835:

Giulia Grisi é Norma, e certamente nunca Irminsul (Nota: uma divindade) teve uma sacerdotisa tão bela e inspirada. Canção, paixão e beleza, ela tem tudo: fúria contida, violência sublime, ameaças e lágrimas, amor e raiva. Nunca uma mulher expôs tanto da sua alma na interpretação de um papel¹¹...

Como costume dizer, uma linha imaginária que separa o palco da plateia, mas, acima de tudo, a personagem feminina da mulher social, foi rompida. Esta mulher do palco, que no século 19 na França era considerada socialmente como um objeto de posse masculino, pouco se diferencia da mulher atriz – a prima donna – que está muito próxima da figura da prostituta:

Essa perspectiva masculina, que imagina a artista como uma estátua de mármore, talvez também reflita um medo do poder criativo e sexual feminino. Embora a diva permaneça celebratória e transcendental nos escritos de Gautier, sua definição nega à artista feminina o domínio sobre sua própria arte, considerando seu talento como uma dádiva divina¹².

Ecoando as palavras do V&A, Rachel Cooke, jornalista do The Guardian, publicou na edição de 30 de julho de 2023 que a origem da palavra diva estava de fato ligada à deusa, mas que foi só no século 19 que o termo se popularizou:

Donizetti, Rossini e outros começaram a compor óperas com papéis grandiosos para sopranos, e o público começou a compreender que, embora todas as divas fossem virtuosas, nem todos os virtuosos eram divas – e que essa designação cabia exclusivamente ao público¹³.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ Disponível em <https://www.theguardian.com/artanddesign/2023/jul/30/diva-review-v-and-a-london-victoria-and-albert-museum>. Acesso em 29 out.2025.

Bailey destacou a força, o poder e a atitude dessas mulheres, além da imagem, da voz e da identidade, e como você se apresenta. Resta-nos pensar e discutir o que mais falta incluir na lista de... “Atributos da Diva Clássica”.

4. Os atributos / requisitos da diva

Através de um processo com inteligência artificial (Chat GPT), definimos 5 núcleos principais de elementos que compõem uma diva, e dos quais desejo extrair, para uma reflexão inicial, os atributos da Diva Clássica: (a) O núcleo artístico; (b) O núcleo de traços de comportamento; (c) O núcleo da narrativa do mito; (d) O núcleo de mediação e circulação e (e) O núcleo de instituições e economia.

É inegável que a diva sempre teve uma figura estética, midiática e social, mas que ao longo dos tempos foi se intensificando em função da expansão das tecnologias e do acesso à informação.

Tabela 1- Núcleos e eixos componentes de uma diva.

Núcleo	Eixos / Componentes
(a) Artístico	<p>Excelência técnica: voz/corpo fora da média; domínio de estilo e repertório.</p> <p>Presença cênica: carisma, controle de palco, timing; olhar/gesto que “segura” a plateia.</p> <p>Assinatura estética: figurinos, maquiagem, cabelo, silhueta e gestual reconhecíveis à distância.</p> <p>Curadoria de repertório: escolhas que constroem persona (papéis, setlists, colaborações).</p>
(b) Traços de comportamento	<p>Exigência/disciplina: perfeccionismo, autoridade estética.</p> <p>Transgressão controlada: romper normas de modo calculado para marcar época.</p> <p>Gestão do silêncio e do escândalo: saber quando aparecer e quando sumir.</p>

Núcleo	Eixos / Componentes
(c) Narrativa e mito	<p>Bio-drama: conflitos, superações, perdas/sacrifícios (o “preço” do estrelato).</p> <p>Personagem pública: frases, poses e imagens recorrentes; títulos (“Divina”, “Rainha” etc.).</p> <p>Ambiguidade/vulnerabilidade: falhas, riscos e fragilidade que humanizam.</p>
(d) Mediação e circulação	<p>Máquina midiática: imprensa, rádio/TV, capas, videoclipes, redes sociais, memes.</p> <p>Iconografia: fotos canônicas, capas de discos, cds e assemelhados, pôsteres, retratos repetidos até virarem símbolo.</p> <p>Fandom: base de fãs ativa, rituais (aplausos, flores), arquivos e colecionismo.</p>
(e) Instituições e economia	<p>Palcos e chancela: teatros/óperas, festivais, premiações, crítica; legitimação institucional.</p> <p>Indústria cultural: gravadoras, managers, estilistas; investimento e estratégia de imagem.</p> <p>Tecnologias: microfones, estúdios, TV, streaming – amplificam voz e presença.</p>

Elaborada pelo autor, com auxílio de IA.

A Diva Clássica deveria ter o núcleo artístico completo – a voz, a técnica, o domínio e o repertório fizeram dela uma celebridade. Ao se trabalhar para se transformar em mito, contendo narrativas que muitas vezes não vai conseguir sustentar, ela pode expor suas fragilidades, como revela o grupo (c).

É incrível como a diva do século 19 e outras tantas do século 20 souberam usar a mídia: entrevistas; reportagens; fotos foram distribuídas (e vendidas!) à exaustão para manter sua posição artística e social. No entanto, penso que o item (d), atualmente seja o mais fácil de usar e o mais difícil de controlar. Sarah Bernhardt, no século 19, não viu o crescimento do Instagram, Facebook ou outras mídias sociais que têm largo alcance: ela tinha uma legião de adoradores *presenciais*.

O item (e), embora muito mais tímido, contido proporcionalmente em relação ao que acontece atualmente, exigia da diva um domínio claro do seu instrumental e dos espaços cênicos onde ela desenvolvia suas ações – tanto na

cena como fora dela, já que estas deusas se transformaram em personas que extrapolaram os limites da cena artística e se confundiram perigosamente com a vida cotidiana da mulher.

5. Conclusão

O termo diva, com conotação mais próxima ao significado atual, foi usado primeiramente no teatro do século 16 para qualificar mulheres de raro e excepcional talento e que se destacavam em companhias que pouco a pouco deixavam de ser redutos exclusivamente masculinos. Para estes talentos, cujas habilidades faziam com que elas parecessem não ser deste mundo – deusas, portanto – foi empregada uma palavra em uso desde o século 14 para divindades: diva.

Este artigo teve por objetivo compreender o significado do termo Diva Clássica e os atributos que estão contidos nele. Se o termo diva foi usado no teatro do século 16 antes que na ópera propriamente dita, foi neste gênero dramático musicado surgido no início do século 17 que a diva foi consagrada. Como apresentado no texto, com a expansão da ópera por toda a Europa, o emprego do termo diva atingiu o auge no século 19, definido claramente as *prima donnas*.

A diva possui uma aura construída socialmente, e a elaboração do conceito e seus atributos não depende apenas de excelência técnica – ainda que talento e virtuosismo sejam determinantes para classificar uma diva como tal. Uma diva resulta da combinação entre excelência e presença em cena, mitificação biográfica, mediação imagética contínua e validações institucionais que conferem legitimidade e longevidade.

Para possibilitar análises futuras, busquei sistematizar, com o auxílio de Inteligência Artificial, a sistematização do termo em cinco núcleos: Artístico, Narrativa e mito, Mediação e circulação, Instituições e economia e Traços de comportamento. Ainda que a proposta careça de uma validação mais ampla, é um bom início de reflexão e uma contribuição ao estudo sobre estas que são destaques nos palcos.

No primeiro núcleo evidenciou-se a tríade técnica-presença-assinatura estética como base da excepcionalidade, destacando o cuidado da diva / artista com seu repertório.

No segundo, disciplina, transgressão calculada e gestão do silêncio/escândalo atuam como estratégias de manutenção da aura. No terceiro, fica evidente o preço do estrelato, a construção da persona pública – aquele risco perigoso de cruzar a linha entre personagem e persona, cuja vida pessoal perde o controle. No quarto, mais aplicável às divas contemporâneas, a iconografia e a máquina midiática operam como multiplicadores da presença, convertendo imagens recorrentes em símbolos. No quinto, palcos, crítica, prêmios e indústria cultural funcionam como dispositivos de chancela.

Em síntese, a “Diva Clássica” permanece inatingível, especial, consagrada, imersa em condições históricas e institucionais específicas. Ao evidenciar como sua aura é construída, negociada e constantemente reinscrita, o trabalho reafirma a utilidade do modelo proposto e abre campo para investigações futuras que ampliem e tensionem seus limites.

Como desdobramento, o estudo oferece a possibilidade de expandir o levantamento para as divas cinematográficas e musicais. Cabem outras reflexões: uma diva pode ser um... homem? Alguém das comunidades LGBTQIAPN+, incluindo os diversos gêneros existentes nas artes contemporâneas?

É sobre isso que as Partes 2 e 3 sobre as divas, nesta mesma edição, vão ajudar a refletir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VICTORIA AND ALBERT MUSEUM. *DIVA*. Londres: Victoria and Albert Museum, 24 jun. 2023 – 10 abr. 2024. Disponível em: <https://www.vam.ac.uk/exhibitions/diva>. Acesso em: 29 out. 2025.

BAILEY, Kate. *Redefining the Diva*. Londres: Victoria and Albert Museum, 24 jun. 2023. Disponível em: <https://www.vam.ac.uk/articles/redefining-the-diva>. Acesso em: 29 out. 2025.

VICTORIA AND ALBERT MUSEUM. *Opera: Passion, Power and Politics*. Londres: Victoria and Albert Museum, 30 set. 2017 – 25 fev. 2018. Disponível em: <https://www.vam.ac.uk/exhibitions/opera>. Acesso em: 29 out. 2025.

COOKE, Rachel. *Diva review – high-octane glamour at one remove*. *The Guardian*, 30 jul. 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2023/jul/30/diva-review-v-and-a-london-victoria-and-albert-museum>. Acesso em: 29 out. 2025.

Conhecendo o autor deste capítulo:



Fausto Viana: É professor de cenografia e indumentária no Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP. É autor (ou coautor), entre outros, dos seguintes livros: O figurino teatral e as renovações do século XX; O sistema de corte e costura de Sophia Jobim: os anos de ouro de Mme Carvalho no Liceu Império (1932-1954); O Traje de cena como documento e África “Pré-colonial” e “Colonial”: choques religiosos e suas influências nos trajes desses períodos.

faustoviana@usp.br

PALAVRAS-CHAVE

Diva clássica; Ópera; Prima donna; iconografia; indústria cultural.